

*Amor*  
♡ QUE NÃO SE ♡  
*pode ver*



VI CARVALHO

*Amor*  
♡ QUE NÃO SE ♡  
*pode ver*



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Vi Carvalho, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA  
**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Carol Palomo**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Carvalho, Vi.

O amor que não se pode ver / Vi Carvalho. – 1ª edição – São Paulo:  
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-20-5

1. Ficção brasileira 2. Romance 3. Drama I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

# *Dedicatória*

Dedico este livro a Cristo, o caminho, a verdade e a vida, por todo o talento que me concedeu, por todo o amor que me deu apenas por Ser quem É. Ele É o motivo pelo qual este livro foi escrito.

Dedico ainda a você, que pode ter o encontrado depois de muita procura ou ter tido a dádiva de achá-lo sem procurar. Espero que encontre o seu caminho, perceba a verdade e comece a viver a vida.

Dedico também à minha família, que sempre me motivou a não desistir; à minha melhor amiga, Nataly, que vibrou em cada capítulo junto a mim; e a todos que fizeram parte da construção desta obra, incluindo amigos próximos e profissionais.

**QUANDO ERGO A CABEÇA PARA O  
CÉU, ENTENDO A IMPORTÂNCIA DE  
ANDAR DE CABEÇA ERGUIDA.**

# 1

Tive de voltar correndo para casa porque esquecera meu caderno com o trabalho de história sobre a mesa do meu quarto. É uma manhã fria e a rua se encontra deserta, por isso aperto ainda mais meu casaco contra o corpo e impeço o vento gélido que quer tocar minha pele. Estou andando o mais depressa possível para não chegar tão atrasada ao colégio, porém dobro a esquina, prestes a viver o pior momento da minha existência em plenos dezesseis anos de vida.

O homem à minha frente veste jeans rasgado, blusa branca e jaqueta de couro marrom. Encara-me com seus olhos azuis intensos e inóspitos, e isso me assusta, mas não mais do que o fato de haver uma mulher desacordada em seus braços. Mantenho-me parada por uma fração de segundo, sem saber o que fazer.

Ele a joga na van, e os olhos azuis em um tom claro ficam escurecidos. Mantenho a boca entreaberta e os olhos arregalados; a minha garganta seca não me permite gritar, e não consigo me mexer. Não sei por quantos segundos fico paralisada e incapaz. Em algum momento, começo a correr o mais rápido que posso. O problema é que ele faz o mesmo.

Tudo acontece muito rápido: sinto suas mãos em mim, puxando-me pela cintura em seguida. Minha garganta parece funcionar por

um momento; no entanto, mesmo aos gritos, a rua continua deserta — ninguém vai me ajudar. Agora suas mãos ásperas já estão contra a minha boca, calando de vez o pouco de esperança que me resta.

Assim que me joga bruscamente na parte traseira da van, posso perceber que a mulher aparenta ter trinta anos e está desacordada. Uma intempérie se forma dentro de mim e as lágrimas parecem iminentes, mas não consigo ver nada porque de repente tudo fica escuro.



Abro os olhos com uma dor horrível na cabeça e os arregalo em seguida quando me vejo em um galpão com a mulher da van. Neste momento, o pânico começa a tomar dimensões enormes.

O lugar é inóspito. Várias caixas velhas se espalham pelo chão. Há uma mesa de madeira e uma porta marrom com um trinco enferrujado que torna o ambiente abafado.

— Moça, pelo amor de Deus! — Começo a falar, já com o choro na garganta e os olhos lacrimejando. — Onde estamos? — questiono, ainda desnorreada.

— Não faço ideia, querida, ainda bem que você acordou — diz, andando em minha direção.

Sua voz é calma, ao contrário dos olhos cheios de medo e desespero. Suas mãos estão trêmulas.

— Nós fomos sequestradas? — questiono em um sussurro, e as lágrimas passam a descer com mais avidez.

— Vamos dar um jeito de sair daqui. Eu prometo — fala, apertando minhas mãos e olhando fundo nos meus olhos, permitindo-me perceber o quão castanhos são os seus.

Assim que a ela se cala, um homem careca adentra o pequeno espaço.

Não consigo descrever em palavras o medo que estou sentindo neste momento. Agarro-me à mulher, que está sentada ao meu lado no chão, e o homem começa a andar em nossa direção. Ele mantém uma expressão algoz no rosto. Não consigo fitá-lo, pois estou apavorada, e espremo os olhos. O som de suas botas contra o chão anuncia que está perto de mim.

— Vejo que já acordaram — constata com ironia.

— O que você quer? — a mulher pergunta, levantando-se.

Levanto-me junto, abrindo os olhos. Ela está à minha frente em posição de proteção.

— Podem ficar tranquilas. A parte ruim não é agora — explica com a voz cheia de empáfia e prossegue: — Não vou ficar muito tempo com vocês. Na verdade, só vim me certificar de que estão vivas. — Arrepio-me a cada eco de sua voz no cômodo e torço para que isso não passe de um pesadelo. — Não precisa chorar. Vai ser divertido! — fala, vindo em nossa direção, e sinto todo o corpo enrijecer, rezando para que não toque em mim.

Quando está bem próximo, apenas ri secamente e muda de direção.

Sem mais nenhuma explicação, volta para a porta e a bate com força atrás de si ao sair. A mulher e eu nos encaramos com expressões estupefatas e tentamos abrir a boca para falar, mas som algum corta o ar. Meus olhos voltam a marejar.

*Meu Deus!*

O que estou fazendo aqui? Não consigo pensar em nada que não envolva suplicar a Deus que me tire daqui até ouvir a voz da mulher ao meu lado:

— Vamos encontrar uma saída. Qual seu nome?

— Liliana. Liliana Cassano — falo, fungando o nariz e secando as lágrimas do meu rosto, estendendo a mão livre para que ela a aperte.

— Tudo bem, Liliana. Eu sou a Grayce. — Aperta minha mão estendida. — Vamos conseguir sair daqui, está bem? No entanto,

preciso que você pare de chorar e pense comigo — pede, limpando as lágrimas que brotam cada vez mais rápido em meu rosto.

Começamos a vasculhar todo o lugar. Uma das paredes contém uma grande cortina. Ao a puxarmos, notamos uma janela pequena no alto, de tamanho suficiente para atravessarmos uma por vez. Contudo, não conseguimos ver o que há do outro lado, então não sabemos se, ao pularmos, alguém estará nos esperando, mas suspeitamos que sim. De onde estamos, só conseguimos ver algumas copas de árvores. Mesmo que distantes, às vezes escutamos barulhos de carros.

— Olhe, Liliana... — fala, marchando até mim. Coloca as mãos sobre meus ombros e me encara, firme. — Temos de tentar fugir pela janela. Você pula e corre o máximo que conseguir sem olhar para trás.

— Não sei se consigo. — Balanço a cabeça em negação, arrepiando-me só de pensar na ideia. — Não posso deixar você aqui. Lança-me um olhar complacente.

— Não temos muito tempo. Não é hora de temer. Precisamos agir.

Nesta hora, recebo uma pequena gota de coragem com sua determinação.

— Grayce, mas e você?

— Olhe só: você pula primeiro e depois eu pulo. Em seguida, corremos juntas. Combinado? — Grayce explica, soltando meus ombros.

Encaro-a, cética.

Não posso falar nada, pois escutamos alguns homens andando e conversando do outro lado da porta. Sinto calafrios por todo o corpo e meu nariz formiga, anunciando a chegada de mais uma torrente de lágrimas.

Estou a ponto de entrar em pânico e começo a orar. Fico de joelhos no chão, porém não consigo sustentar meu tronco, então

apoio a cabeça no chão e choro. Tento me manter erguida e começo a chorar mais alto, desta vez com a cabeça e as mãos para o céu. Logo que a calma se faz presente por um breve momento, Grayce se vira para mim como se estivesse despertando de um transe.

— Liliana! — fala em um tom mais alto. — Preciso que me prometa uma coisa. Não vou deixar nada acontecer com você, querida. Prometo. Ainda assim, preciso que você faça algo por mim, caso alguma coisa de ruim me aconteça. — Caminha diligente em minha direção e se ajoelha ao chão, olhando para mim. — Não quero assustá-la, mas a chance de nós duas sairmos daqui é pequena e preciso que alguém fique ao lado do meu filho se eu for embora. Bom, meu marido tem uma amante, Hellen. Ela me odeia e provavelmente fará da vida de Matt um inferno. Não posso permitir isso... — diz, balançando a cabeça como se recobrasse a sanidade.

— Grayce! Não vou sair daqui sem você.

Nego com a cabeça.

Como pode estar tão decidida? Como se já esperasse algo ruim.

— Preciso que saia, querida, assim pode chamar a polícia e eles virão até aqui! — verbaliza, certa de que tudo ocorrerá bem, no entanto sinto que não. — Encontrei uma caixa de velharias aqui e tem papel e caneta. Vou escrever três cartas, uma para você entregar para Matt, outra a Hellen, quando casar com Jonas, e outra para você. Leia apenas no aniversário de dezoito anos do meu filho! — pede, já pegando algumas coisas na caixa e indo em direção a uma mesa velha, que não possui cadeiras ao redor.

Não consigo compreender a calma da mulher, a forma ágil com que pensa em deixar tudo atenuado para o filho; talvez eu compreenda o peso desses gestos se for mãe. Mesmo com toda a maestria que tem desempenhado até aqui, seus olhos marejam com constância, e as mãos trêmulas denunciam que está tão assustada quanto eu.

– Sei que é um favor grande, mas preciso que você prometa que vai entregar estas cartas.

– Pare, Grayce! Você vai voltar para ele! Nós vamos fugir juntas...

Ela não me dá atenção, está focada em escrever; vou para um cantinho afastado.

Depois de vários minutos, nos quais oro e peço para Deus me tirar viva daqui, Grayce para de escrever e me entrega algumas folhas de papel divididas em três; eu as dobro e as coloco no bolso largo do casaco que uso.

Sinto-me apavorada, mesmo com o abraço caloroso de Grayce.

– Não podemos perder mais tempo. Eles podem entrar aqui a qualquer momento.

A mulher começa a arrastar a mesa e só então entendo que a usaremos para termos acesso à janela. Corro para ajudar, virando a mesa e a escorando na parede.

– Você está pronta? – pergunta-me, checando se a mesa está firme.

– Você vem logo atrás?

Grayce faz que sim com a cabeça. Sinto-me mais confiante de que nós duas escaparemos daqui.

Assinto com a cabeça e neste momento preciso acreditar em mim. Lembro-me de *Unstoppable*, da Sia. Respiro fundo e subo na mesa com um impulso de coragem. Olho para fora. De fato, parece não existir ninguém aqui além de nós, todavia a janela fica para os fundos do pequeno local, então deve haver homens à frente do galpão para não fugirmos.

O nosso plano é que todos eles se concentrem aqui dentro para que não consigam me pegar ao pular a janela. Só espero que ela pule também. Fecho os olhos, impedido uma lágrima de cair, posiciono as mãos no parapeito da janela e dou o impulso. Sou desperta dos meus pensamentos por um barulho estrondoso.

Grayce começa a derrubar coisas no chão, ouço uma movimentação na porta e pulo.

Meus sapatos tocam o chão e quase me faltam forças nos joelhos; ainda assim, corro, orando para que Deus me ajude. Corro pensando que a minha vida e a de Grayce estão nas minhas pernas e logo começo a ouvir barulho de carros, mas, para minha infelicidade, também não consigo enxergar estrada alguma devido à visão turva, ocasionada pelo choro.

O escuro da noite e as árvores grandes só me deixam mais assustada. Ouço passos atrás de mim, e o medo se alastra com fervor. Não sei que espécie de força está me guiando neste momento, só quero viver. Um sentimento novo se apodera do meu corpo e meu subconsciente só sabe gritar o quanto sou imparável.

Sempre fui uma garota corajosa, e mesmo com todo medo sinto que farei qualquer coisa para sair daqui viva; não só por mim, mas por Grayce. Ela confiou esta missão a mim. Começo a correr ainda mais rápido, mesmo sentindo que não tenho mais forças; meu coração bate cada vez mais forte e o ar me falta.

As lágrimas inundam meu rosto. Não posso chorar agora. Tento de continuar. Sinto-me sufocada, e o gelo da noite faz todos os meus pelos se arrepiarem. Quase sem força, passo a me lembrar da letra da música e começo a ouvi-la como um som intrínseco. Corro cada vez mais rápido agora, porque uma força está me guiando, lembrando-me de que sou imparável; é aí que não sinto mais nada.

Algo dentro de mim queima e as lágrimas descem cada vez mais depressa. Finalmente enxergo a pista, e os passos atrás de mim parecem ainda mais iminentes. Olho para cima e o meu corpo pede para que eu pare. Acho que vou morrer, como se algo sobrenatural estivesse me tocando. Só preciso correr mais um pouco e chegarei lá.

Não vou desistir.

Quando ergo a cabeça para o céu, entendo a importância de andar de cabeça erguida.

Minhas pernas dormentes correm a todo vapor e não sinto nada além de uma queimação forte em meu corpo conforme as lágrimas são carregadas pelo vento que bate contra meu rosto. Neste momento, arrepio-me inteira e não é o frio. Um sopro me diz que sou imparável.

Após pouco tempo, chego a uma pista e começo a correr entre os carros; percebo que não há mais ninguém me seguindo. Rezei para que os passos atrás de mim fossem de Grayce, mas não. Ela ganhou tempo para mim.

Assim que paro, caio no chão próximo a uma parede.

As pessoas me encaram, assustadas, e tremo por inteiro com o rosto molhado e a cabeça girando. Choro em meio aos soluços quando adentro em uma loja de conveniência, e a moça do balcão me olha, estupefata. Ofegante e desnorreada, peço um telefone e ligo para a polícia. Não posso deixar que fujam com Grayce.

Não posso!

Após contar tudo aos prantos ao policial que me atendeu, ele fala com a balconista para saber a minha localização.

Desligo o telefone, e a moça me oferece uma cadeira e água, falando coisas que não consigo ouvir porque estou em pânico. Com a demora da polícia, quero voltar e pegar Grayce. Quando finalmente adentram a conveniência, marcho de modo a explicar o caminho que nos levará até ela. Ajo de forma inconsciente, tentando relembrar o trajeto.

Volto para salvá-la, mas não a encontro. Eles sumiram com ela e sei que nunca mais a verei. Nunca esquecerei o que Grayce fez por mim. Se não tivesse ficado e ganhado tempo, eu não teria conseguido correr e não estaria aqui agora. Aquela mulher me passou segurança, calma e amor em todo o tempo em que me encontrei naquele local inóspito.

Não se preocupe, Grayce, honrarei minha promessa e jamais esquecerei você.